

PANORAMA DA MÚSICA PORTUGUESA

Seja qual fôr o sector da actividade musical considerado, não houve em Portugal, durante o século XIX, nenhum movimento colectivo consciente. Encontram-se alguns virtuosos e compositores de nome europeu, depressa caídos em completo esquecimento, mas não se encontra nenhum orientador que tivesse deixado discípulos e continuadores, que tivesse criado obra construtiva de verdadeiro significado histórico.

Não é este o momento de determinar se a falta de agrupamentos vocais e instrumentais de carácter permanente, subordinados a orientação técnica e estética comum, concorreu para a crise da música portuguesa que então se acentuou, ou se foi a consequência natural do ambiente de desordem e de indisciplina mental que reinou na vida espiritual da Nação desde o comêço do século passado. Certo é que a música de conjunto, orquestral e de câmara, desempenhou sempre papel preponderante na formação do gosto de qualquer meio social, e certo é, também, que esse elemento essencial de disciplina e de educação artística, foi, então, entre nós, lamentavelmente desprezado.

Uma das primeiras medidas do governo liberal, apenas estabelecido, consistiu na extinção do antigo Seminário da Patriarcal, de tão gloriosas tradições, seguindo-se imediatamente a publicação do decreto que criou o Conservatório de Música. Dirigido, desde a fundação, pelo mais ilustre músico português da época, o pianista e compositor João Domingos Bomtempo, esta escola nunca chegou a desempenhar a acção cultural que lhe estava, em princípio, destinada. Apesar dos esforços do Visconde de Almeida Garrett, redactor do plano geral da reforma da instrução pública, a criação do Conservatório, consignada num dos capítulos desse notável documento, não correspondeu à função que devia exercer como primeira escola musical do país. Concorreram para este facto não só as perturbações políticas dum período histórico excepcionalmente agitado e confuso, mas também, em larga parte, o carácter empí-

rico que passou a dominar o ensino da música e que veio, definitivamente, substituir o sentido humanista que êle revestira em épocas anteriores.

Alguns anos antes, João Domingos Bomtempo fôra obrigado a suspender os concêrtos da «Sociedade Filarmónica», que fundara em 1822 ⁽¹⁾. Assim se extinguiu o agrupamento orquestral que tornara conhecidas as primeiros obras sinfónicas de Beethoven, numa época em que o autor da «Missa Solene» ainda não tinha escrito a IX.^a Sinfonia ⁽²⁾.

Lisboa perdeu, desde então, contacto directo com a vida musical da Europa. Basta dizer que a primeira audição de obras do género «Lide» ou «Canção» só foi dada em Portugal no princípio do século actual ⁽³⁾.

*

No que diz respeito à música coral e de câmara, justo é reconhecer que o Pôrto teve, durante a segunda metade do século XIX, vida incomparavelmente mais intensa do que a da própria capital. Lembremos que algumas das mais célebres associações corais da Europa são de criação posterior à da «Escola Nocturna de Música Vocal», fundada, em 1855, pela Municipalidade portuense ⁽⁴⁾. A grande cidade do Norte distinguiu-se,

⁽¹⁾ A polícia proibiu a realização dos ensaios da Sociedade Filarmónica, sob pretexto de que podiam disfarçar reuniões de carácter político contra o regímen.

⁽²⁾ A primeira audição da IX.^a Sinfonia cantada em português, com elementos nacionais, só foi dada em Lisboa mais de um século depois, em 1937, pela «Sociedade Coral de Duarte Lobo» e a «Orquestra Filarmónica de Lisboa», sob a direcção do Dr. Ivo Cruz.

Alguns anos antes, o «Orféon Donostiarra» de Barcelona, com a Orquestra Sinfónica sob a regência de Pedro Blanch, tinha permitido a execução da obra prima de Beethoven, no Teatro de S. Luiz.

⁽³⁾ Foi no Pôrto, em 1903, que «Kammersingerin» Ida Eckmann cantou pela primeira vez, no nosso país, canções de Schubert, Schumann e Brahms.

⁽⁴⁾ Entre outras associações corais da França, da Inglaterra, da Itália, da Espanha, da Alemanha, da Noruega, da Áustria e da América, fundadas depois da «Escola Nocturna de Música Vocal», podemos citar a «Wiener Sing-Akademie» e o «Singverein der Gesellschaft d. Musikfreud», de Viena; a «Orfeonica» de Barcelona; a «Sociedade Coral» de Bilbao; a «Société Grisct-Saintbris», e a dos «Chanteurs de Saint Gervais», de Paris; a «Edinburgh Royal Choral Union»; a «Musikforeingen», de Estocolmo; a «Academia de Canto Coral Stefano Tempia», de Turim; o «Orfeon Catala», de Barcelona; a «Oratoria Society», e a «Mus. Art. Society», de Nova York; a «Cecilia Society», e a «Mendelssohn Choir», de Boston, etc.

desde então, pelo espírito associativo que animou a sua história musical. Além de outras iniciativas particulares, mais ou menos favorecidas pela protecção das entidades oficiais, merece especial menção o «Orfeon Portuense», fundado em 1881 por Bernardo Moreira de Sá, e que ainda hoje desempenha papel activo e brilhante no meio musical portuense, sob a direcção inteligente do prof. Luiz Costa.

Em Lisboa, é preciso chegarmos ao período contemporâneo para assistirmos à formação de um grupo coral permanente, e êsse mesmo nasceu e manteve-se largo tempo sem qualquer auxílio material nem apoio moral da Municipalidade ou das entidades oficiais. A «Sociedade Coral de Duarte Lobo», fundada em 1930 pelo Dr. Ivo Cruz, é hoje o mais completo núcleo vocal da Península, tanto mais que a sua acção se conjuga com a da «Orquestra Filarmónica de Lisboa», de criação posterior. Não é possível dar nesta curta nota mais do que um resumo necessariamente incompleto da magnífica actividade desenvolvida por êste agrupamento coral-sinfónico, em nove anos de trabalho constante e fecundo ⁽¹⁾. Queremos apenas, e é êsse, quanto a nós, o aspecto mais interessante da existência da «Sociedade Coral de Duarte Lobo» e da «Orquestra Filarmónica de Lisboa», destacar o alto significado da estreita unidade moral assim criada entre centenas de componentes, vindos de meios diversos e das mais diferentes profissões.

Num dos «*Panoramas des Concertes au Portugal*», publicado na «*Revue Internationale de Musique*», de Bruxelas, dizíamos, em Setembro do ano passado:

«L'activité musicale de Lisbonne a pris, ces dernières années, un essor vraiment remarquable. Pendant l'époque qui vient de finir, depuis la rentrée d'Octobre jusqu'à la fin du mois de Juillet, les récitals et les concerts symphoniques se succédèrent sur un rythme plein de vie. Les excellentes conditions de l'état, concernant

⁽¹⁾ A «Sociedade Coral de Duarte Lobo» e a «Orquestra Filarmónica de Lisboa» já apresentaram em primeira audição obras da mais transcendente importância, algumas das quais exigiram a cooperação de 260 executantes. Entre outras destacaremos a «Paixão segundo S. Mateus», de J. S. Bach; a IX.^a Sinfonia, de Beethoven; o «Requiem», de Berlioz; o «Orfeo de Monteverdi»; a «Derrota de Sennaqueribe», de Moussorgsky, etc., além de numerosas obras portuguesas, desde o século XVII até à actualidade, tanto sinfónicas como de câmara.

l'administration des finances, justifient cette nouvelle splendeur de la musique, après une longue période de décadence.

Podemos acrescentar que o agrupamento coral-sinfónico da «Sociedade Coral de Duarte Lôbo», e da «Orquestra Filarmónica de Lisboa», reunindo em íntima comunhão espiritual centenas de elementos orientados pelo mesmo pensamento condutor, integrados na mesma vontade forte, constitui a perfeita realização do ideal corporativo na sua mais elevada expressão.

Devemos mencionar ainda, entre as manifestações da vida portuguesa que demonstram o ressurgimento da Nação no campo da arte musical, os concêrtos da Emissora Nacional, dirigidos pelos Maestros Pedro de Freitas Branco, Wenceslau Pinto, Frederico de Freitas e Pedro Blanch; os concêrtos de assinatura promovidos pela «Sociedade de Concêrtos de Lisboa» e os do «Círculo de Cultura Musical», fundado e superiormente dirigido pela ilustre pianista e escritora D. Elisa de Sousa Pedroso; as sessões musicais da Academia de Amadores de Música, etc.

Importante, tem sido, também, o trabalho realizado pela Sociedade de Música de Câmara, sob a direcção do Maestro Fernando Cabral. Na época passada, um côro organizado para êste fim com acompanhamento de orquestra sinfónica e com a colaboração de alguns solistas, executou, no Teatro do Gimnásio, trechos do «Fidélio», a obra prima de Beethoven, que Lisboa não conhece integralmente, e, na época presente o maestro Fernando Cabral já nos proporcionou uma interessante audição do «Requiem» dedicado à memória de Camões pelo mais importante sinfonista português do século XIX: João Domingos Bomtempo.

Lembremos ainda a acção que o Conservatório exerce como valor actual, no conjunto da vida portuguesa e o papel que lhe está naturalmente indicado desempenhar neste magnífico movimento de renovação nacional.

*

Outro aspecto a considerar, no panorama musical português contemporâneo é o do estreitamento das nossas relações culturais com os outros países da Europa, particularmente com a Itália — foco radiante da civilização latina.

Já no comêço do século XVIII, músicos portugueses iam a Itália completar a sua educação musical. A «Ordem real» que

levou a Roma, com bolsa de estudo, o compositor e tangedor de tecla António Teixeira, — primeiro pensionista português enviado a Itália — marca uma data na história da música nacional. Desde essa época, constante foi o contacto entre os nossos países, quer pela vinda de mestres italianos que entre nós exerceram brilhante actividade, quer pela formação de músicos portugueses que em Itália aprenderam a arte de compôr e de tanger. Ainda que durante o século passado o nosso país esquecesse a tradição que outrora o ligara a outros centros musicais europeus, nunca deixou de manter íntimas relações com a arte e os artistas italianos. No momento actual, o «Istituto di Cultura Italiana per il Portogallo», reconhecendo a vantagem de mais estreita aproximação entre as duas nações latinas, tem concorrido, com brilhante contribuição, para o intercâmbio musical luso-italiano. Uma das suas mais notáveis manifestações foi a da vinda a Portugal do «Trio Casella», que o «Círculo de Cultura Musical» apresentou num dos seus concêrtos da última temporada. A «conferência-concêrto» realizada por Alfredo Casella na «Istituto di Cultura Italiana», sobre o tema «La música contemporânea italiana e i suoi problemi», com a cooperação de Bonucci e de Poltronieri, constituiu excelente lição, por todos os títulos digna de alta categoria do compositor, chefe de orquestra, musicólogo e pianista que dirige o «Trio Italiano». O programa compreendia obras de Franco Alfano, Francesco Malipiero, Ildebrando Pizzetti, Goffredo Petrassi e Alfredo Casella.

A exaltação das faculdades criadoras dos músicos italianos e da longa parte que lhe coube na transformação das formas musicais, desde a época medieval, com a fixação do canto litúrgico da igreja católica e da polifonia vocal acompanhada e «a-cappella» da Renascença, até ao período moderno, com a criação da «Sinfonia» e do «Concêrto», da monodia vocal e das formas da música dramática e de câmara, foi feita pelo conferente com a sua autoridade de mestre e a sua elegância de verdadeiro artista.

Que estas relações se mantenham e se tornem cada vez mais vivas, eis o nosso melhor desejo, para bem da cultura latina e do ressurgimento musical italiano e português.

EDUARDO LIBÓRIO
Prof. do Conservatório Nacional